

Da Noruega ao Japão, celebra-se o centenário do nascimento de Fernando Pessoa (13 de Junho). Na última



década a celebridade do poeta, «esse gigante à sombra do qual vivemos», ultrapassou as fronteiras portuguesas, saiu dos gabinetes dos académicos, alastrou para fora dos círculos de iniciados. A explosão Pessoa, a personalidade estilhaçada que é uma das chaves do

século, é um acontecimento mundial. «E tudo por minha causa», diria Álvaro de Campos



# O mundo de Pessoa

José Júdice \*

«**T**EREI um futuro? Sem dúvida...», dizia sem grande convicção o homem que afirma-

va categoricamente «não sou nada. Nunca serei nada». Como teria sorriso irónico e amargo, como sorriu com Marinetti académico («Lá chegam todos, lá chegam todos... qualquer dia chego eu também...») se pudesse ler, cinquenta anos depois da sua morte, o que se dizia dele. «Um dos quatro grandes poetas do nosso século» (com T. S. Elliot, Paul Valéry e Saint-John Perse), para o «Le point», «talvez uma das chaves do século» para «Le Monde», «um dos gigantes em cuja sombra vivemos», para o «New York Times».

Subitamente, o mundo descobriu Fernando Pessoa, e julgando descobrir um poeta desconhecido duma «língua menor». O mundo descobriu um «mundo extravagante»: heterónimos e semi-heterónimos e heterónimos por nascer, uma multidão de gente procurando desesperadamente um autor, um poeta cuja personalidade estilhaçada ultrapassa a mera habilidade de circo literário. O sucesso de Pessoa, o poeta por excelência da angústia existencial, deve-se àquilo que um grave professor alemão chama «o sentimento de fundo» dos nossos dias e uma investigadora brasileira diz ser a «consonância» com o que sentem os jovens de hoje.

O centenário do nascimento de Fernando Pessoa vai ser um acontecimento mundial, celebrado da Noruega ao Japão. O centro das atenções é a França, com a monumental edição em oito volumes do Pessoa essencial,

ou o Brasil, com o Congresso de Estudos Pessoaanos. Mas haverá também exposições, como em Atenas, ou novas edições, como em Copenhaga ou Moscovo. Para um poeta cuja ambição era «ter poemas e novelas/publicados

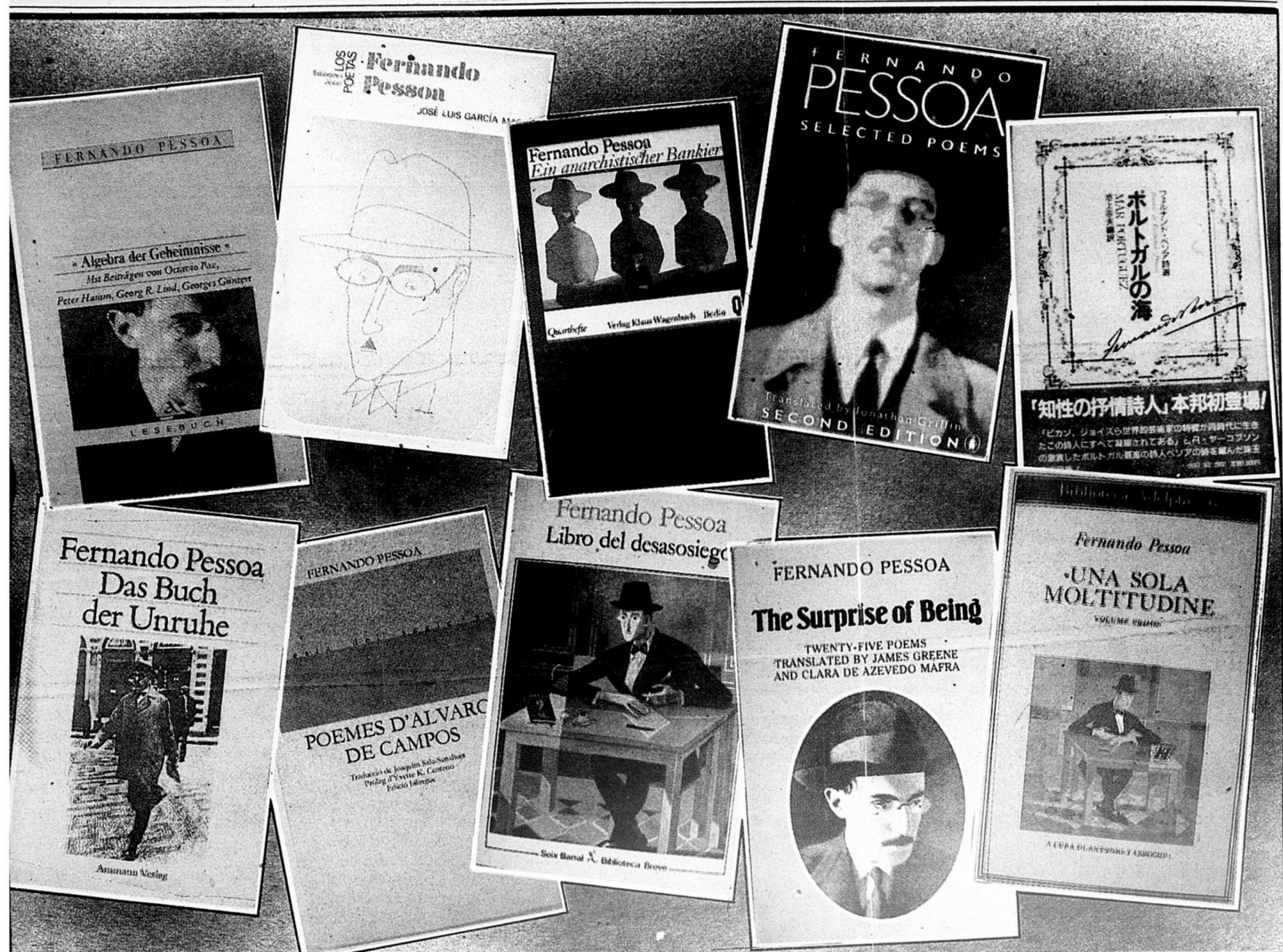
pela Plon e Mercure», uma festa de aniversário destas, «e tudo por minha causa», seria uma coisa bem estranha.

## A paixão brasileira

O Brasil, que mereceu de Pessoa alguma ironia («e tu Brasil, República irmã, 'blague' de Pedro Álvares Cabral, que nem te queria descobrir») é seguramente o país onde o culto do poeta atingiu maior expressão popular. Já em 1985, o cinquentenário da sua morte foi festejado com livros, discos, artigos em jornais, peças de teatro e um filme. Dois conhecidos actores, Walmor Chagas e Italo Rossi, passaram o ano divulgando a sua poesia pelo país. Tom Jobim, Caetano Veloso, Edu Lobo, Milton Nascimento, Gilberto Gil e outros compositores musicaram os seus poemas para um disco cantado por Olivia Hime. Num outro disco, a Mensagem foi musicada por André Luís de Oliveira e cantada por Caetano Veloso,

Elba Ramalho, Gilberto Gil, Cyda Moreira, Sé Ramalho, Gal Costa e Ney Matogrosso. Um filme baseado em Pessoa, *Baixo Gavea*, de Haroldo Marinho Barbosa, interpretado por Lucélia Santos e Louise Cardoso, foi um dos grandes êxitos de bilheteira no ano passado e é hoje um dos mais procurados nos clubes de vídeo.

Embora Pessoa não fosse desconhecido no Brasil — as suas obras completas foram publicadas em 1960 pela Nova Aguilar e foram reim-



Das dezenas de edições em Itália às exploratórias traduções em japonês e chinês, Fernando Pessoa e a sua corte de heterónimos estão presentes nas principais línguas do globo

pressas em 1960, 1965 e 1969, com mais dez reedições desde então — foi só quando os irmãos Veloso, Caetano e Maria Bethânia, começaram a cantar os seus poemas que se deu a explosão de amor do Brasil pelo poeta. Em 1986, a Nova Aguilar indicava que Pessoa era o campeão das suas edições de luxo, mais vendido que poetas brasileiros como Cecília Meirelles ou Carlos Drummond de Andrade.

Foi um longo caminho desde que o nome de Pessoa apareceu pela primeira vez no Brasil, em 15 de Junho de 1913, na «Gazeta de Notícias» do Rio de Janeiro, na dedicatória de um conto de Mário de Sá Carneiro, «O homem dos sonhos». Os intelectuais brasileiros conheciam-no vagamente, de nome, e o modernista Ronald de Carvalho chegou a trocar correspondência com ele. Em 1934, Cecília Meirelles, de passagem por Lisboa, tentou encontrar-se com ele. Pessoa faltou ao encontro, marcado

para a Brasileira do Chiado, mas deixou no hotel da poetisa um exemplar da Mensagem, recém-publicada, e uma explicação: o seu horóscopo dissera-lhe que os dois não se deviam encontrar.

Com este mau começo, foi apenas na década de 40 que a influência de Pessoa no Brasil começou a fazer-se sentir, a princípio imperceptivelmente. Cecília Meirelles publica poemas de Pessoa numa antologia de Poetas novos de Portugal. Pouco depois, Murillo Mendes recebeu o primeiro volume das poesias pessoanas e, segundo a professora Vilma Areas, da Universidade de Campinas, «o poeta confessou que caiu para trás».

A maior influência de Pessoa no Brasil terá sido sobre o maior poeta brasileiro deste século — e a muitos títulos um «gémeo» de Pessoa — Carlos Drummond de Andrade. Na opinião de Mario Chamie, um dos participantes no IV Congresso de Estudos Pessoaanos efec-

tuado em Abril em S. Paulo, «Drummond é um pessoano que não subscreve nem cita mas que se transfigura e consegue sua esplêndida autonomia. Não existe maior homenagem e um autor que a leitura transfiguradora que dele se possa fazer. No caso de Drummond e Pessoa sou obrigado a lembrar um paradoxo de Borges: ambos são leitores do mesmo livro escrito na memória da humanidade».

Mas a relação de Pessoa com o Brasil não foi apenas um caminho com um só sentido. Segundo o escritor pernambucano Ariano Suassuna, citado pelo professor Arnaldo Saraiva, a Mensagem sofreu uma influência visível do poema «Sagres» do parnasiano Olavo Bilac, o «príncipe dos poetas», que foi recebido em Lisboa em 1913 por Guerra Junqueiro com um beijo na testa. Pessoa conhecia e era um grande leitor da poesia brasileira, ao ponto de ter ironizado em 1933, ainda

segundo Arnaldo Saraiva, que o único poeta vivo da língua portuguesa cuja obra correspondia às exigências do Prémio Nobel da Literatura era o regionalista e pernóstico Catulo da Paixão Cearense.

Mas nem estas ironias de Pessoa fizeram diminuir o fascínio que o poeta exerce no Brasil. No IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, em S. Paulo, os organizadores apanharam um susto no primeiro dia. «Houve um pequeno tumulto, com mais de 400 pessoas que insistiam em entrar», disse ao EXPRESSO a coordenadora do Congresso, Maria Aparecida Santilli, da Universidade de S. Paulo. «Nunca imaginei que tanta gente fosse interessar-se por um Congresso tão específico.»

O Congresso, que levou dois anos a organizar, contou, entre os 800 inscritos e os 200 convidados, com 128 especialistas brasileiros, 28 portugueses, e ainda pessoanos

dos Estados Unidos, da França, da Alemanha, da Inglaterra, da Itália, da Espanha, da Holanda, da URSS, de Porto Rico, da Índia, do México, do Canadá e da Argentina.

Entre as 116 teses apresentadas, havia Pessoa para todos os gostos — e era possível ouvir desde o chinês Jin Guo Ping explicando as sutilezas da tradução de Pessoa na sua língua a Monsenhor Porimo Vieira dissertando sobre «Fernando Pessoa e o Hai Kai». Pelo meio, ficavam teses sobre temas bizarros como A cibernetic company's guide de Fernando Pessoa: Mensagem, Fernando Pessoa, precursor do «marketing» moderno ou Encontro entre Fernando Pessoa e Bach.

Para Arnaldo Saraiva, organizador dos três Congressos pessoanos anteriores (Porto, 1978, Nashville, 1983, e Lisboa, 1985), o Congresso de S. Paulo foi seguramente «o mais bem sucedido». O entusiasmo

despertado pelo Congresso levou mesmo a professora Iara Frateschi, da Universidade de S. Paulo, a afirmar que «se comemora mais Pessoa no Brasil que em Portugal» — onde, mesmo antes de terem começado as comemorações oficiais, é já de bom tom dizer-se que «tanto Pessoa já enjoa».

#### França: o desafio editorial

Em França, as celebrações do nascimento de Pessoa vão ser um acontecimento editorial. A divulgação da obra pessoana, num país onde já existem várias edições dispersas, foi abordada por editores especialistas com metodologia e uma preocupação de qualidade. A editora Christian Bougois confiou a Robert Brechon, um velho pessoano, e a Eduardo do Prado Coelho a coordenação de uma edição em oito volumes do Pessoa essencial.

(Continua na pág. 32-R)

# Tumulto no Brasil

(Continuação da pág. 31-R)

Os quatro primeiros estão já à venda, com destaque para **O Livro do Desassossego**, que esgotou numa semana a sua primeira edição de 5 mil exemplares. Entre os próximos volumes, o que está a ser aguardado com mais expectativa é o do poema dramático inédito de Pessoa, «**Fausto**», que será publicado simultaneamente em português pela editora Presença.

Mais ambicioso ainda é o projecto do editor português Joaquim Vital que, na sua prestigiada Editions de la Différence, vai publicar as obras completas de Fernando Pessoa em 18 volumes. Esta edição completa, a primeira em todo o mundo, deverá prolongar-se até 1995.

Outras editoras têm ainda anunciadas edições ou reedições pessoanas, a juntar aos números especiais dedicados a Pessoa por várias revistas, numa profusão de edições que provoca certas reticências nalguns especialistas. Armand Guibert, que há 50 anos atrás foi um dos pioneiros da divulgação de Pessoa em França, receia que «se instale uma certa confusão no espírito do público não iniciado — fascinado com os heterónimos, mas esquecendo que o poeta era um ser humano».

Robert Brechon, por seu lado, regozija-se com a vaga pessoana em França, «depois de termos passado anos a lamentar que Pessoa não fosse mais conhecido do público». De facto, durante anos Fernando Pessoa foi um segredo reservado aos especialistas, como Pierre Houcarde, Armand Guibert, Robert Brechon ou Pierre Leglise-Costa. Guibert, recordando as conferências, ensaios e traduções que conduziu isolado durante algum tempo, lembra-se de um dia André Breton lhe ter pedido uma edição de luxo de a **Tabacaria**, publicada em França por um editor polaco. «**Fomos militantes**», diz Leglise-Costa sorrindo, ao recordar esse anos em que batiam à porta de jornalistas e editores, tentando divulgar Pessoa, por vezes sem muito êxito, como quando há poucos anos a Gallimard, uma das maiores editoras francesas, recusou as obras completas de Pessoa porque «não eram nada interessantes».

Mas, se Pessoa ainda não é uma referência que vem espontaneamente aos lábios do público francês, o poeta — que ansiava por ser publicado na Plon e na Mercure — começa a ter a triste sorte reservada por alguns críticos literários galeses aos

autores «de quem se fala»: uma leitura distraída e uma apreciação superficial.

É um risco, mas que pode trazer alguns benefícios suplementares, como um maior interesse pela cultura e pela história portuguesas. Para já, o interesse por Pessoa foi decisivo para a publicação do número especial da revista «**Autrement**» sobre Lisboa — que levou o «**Libération**» a escrever que «**Lisboa, cidade do desassossego, faz a sua entrada na literatura, depois da Praga de Kafka e da Dublin de Joyce**».

## Pessoa, Olé!

Tal como em França, e como era de esperar, Fernando Pessoa foi uma des-

coberta recente em Espanha. Mas foi uma descoberta vulcânica, que se traduziu numa erupção de artigos de jornais, seminários, exposições e colóquios. Há cinco anos atrás era inútil procurar nas livrarias traduções de Pessoa. Hoje, pelo contrário, há não só traduções e espessos volumes sobre o poeta, como reproduções em «**fac simile**» — com enorme êxito no mercado — das revistas clássicas da bibliografia pessoana, como «**Eh, real!**», «**Exílio**», «**Centauro**», «**Portugal Futurista**», «**Contemporânea**», «**Revista Portuguesa**», «**Athena**» e «**Sudoeeste**».

Não é fácil estabelecer uma data precisa ou as circunstâncias concretas do

começo espanhol do fenómeno Pessoa, mas a maioria dos especialistas vizinhos aponta para a publicação em Lisboa, em 1982, do **Livro do Desassossego**. Até então, apenas um reduzido número de especialistas — entre os quais se destaca Angel Crespo — dedicava o seu tempo ao estudo do poeta. Com as celebrações do cinquentenário da sua morte, em 1983, começou definitivamente a presença de Pessoa em Espanha, cuja última manifestação foi a representação na cidade industrial de Mataró, na Catalunha, de «**O Marinheiro**».

Mas a explosão pessoana deu-se a partir de 1986, com traduções e edições da maioria da obra do poeta e, sobretudo, com duas intervenções oficiais, surpreendentes para muitos portugueses: a publicação de um número especial sobre Pessoa da revista «**Poesia**» do Ministério da Cultura espanhol, e a edição, com o patrocínio da Rádio Nacional de Espanha,

de um disco de longa duração de **Pessoa flamenco**, em que os versos do poeta são cantados por Vicente Soto, acompanhado pela viola de Enrique de Melshon e as castanholas típicas do flamenco.

Esta versão caracteristicamente andaluza de Pessoa diz tudo sobre a popularidade do poeta em Espanha — mas seria um erro pensar que a sua presença se limita aos últimos cinco anos. Já em 1928 a revista «**Almanaque**» — em que Almada Negreiros tinha alguma influência — publicava um poema de Pessoa. Mas foi apenas 16 anos depois, em 1946, que surgiu a primeira tradução sistematizada, de Joaquim de Entrambasaguas, enquanto uma revista franquista, «**La Gaceta Literaria**», recorda que em 1915 um intelectual espanhol, Ramon Gomez de la Serra, tomava café com Pessoa no Martinho e saíra de lá fascinado.

Como seria de esperar, para além do esoterismo, dos mistérios ocultistas e da complexidade dos heterónimos, há um aspecto em Pessoa que fascina particularmente os espanhóis: o seu pensamento político e, em particular, a sua relação como o iberismo. Entre as mais recentes tentativas para aprofundar o pensamento político de Pessoa, destaca-se um artigo do professor Raul Morodo, discípulo de outro importante pessoano, o falecido «**Alcaide**» de Madrid, Enrique Tierno Galvan.

A «obsessão ibérica» de Pessoa foi estudada recentemente por Angel Crespo em vários artigos no «**El País**», destacando aquilo que considera serem as ideias renovadoras, quase revolucionárias, de Pessoa. Os sonhos sebastianistas do poeta, a sua teoria sobre o «quinto império» ibérico — cultural, humano, nem político nem social —, os fundamentos da «civilização ibérica», baseada na independência mútua e na justificação histórica da Ibéria como ponto de fusão das culturas mediterrânicas e atlânticas, são, por si próprios, tema suficiente para estudo nas sempre difíceis relações entre as duas nações vizinhas.

## Uma língua considerada «menor»

Até há dois anos, quase ninguém ouvira falar em Fernando Pessoa nos Estados Unidos, quando dois volumes com traduções da sua poesia foram publicados por pequenas editoras. Pouca gente lhes prestou alguma

atenção até que em Dezembro passado o crítico do «**New York Times**», David Rosenthal, começou a sua recensão com as seguintes palavras: «**Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa contam-se entre os maiores poetas do nosso século**».

Até esta altura, o nome de Pessoa não tinha praticamente ultrapassado as fronteiras dos «campus» universitários, e quando o fazia era para se fixar nas entradas dos dicionários e enciclopédias especializadas. Uma edição, em 1971, de **Selected Poems by Fernando Pessoa**, com uma introdução de Octávio Paz (um pessoano fanático), passou despercebida. Mas, em 1981, Pessoa figura já (é o único português) entre os 537 **Makers of Modern Culture**, um dicionário editado em Nova Iorque, ao lado de Picasso, Pirandello, Pound e Proust. A publicação, em 1982, pela Universidade de Brown de **The Man Who Never Was**, uma colectânea de ensaios sobre Fernando Pessoa apresentados no Simpósio Internacional sobre o poeta e organizada por aquela Universidade cinco anos antes, foi o ponto de partida.

Para Rosenthal, o pouco conhecimento de Pessoa nos EUA deve-se à pouca importância atribuída à língua portuguesa, considerada «menor». O professor Edwin Honig, da Universidade de Brown, responsável juntamente com Susan Brown pelas três edições americanas mencionadas, encontra uma outra explicação: Pessoa é intrinsecamente «não americano». Honig pensa que Pessoa foi ignorado nos Estados Unidos devido a uma «resistência temperamental: ele não se encaixa facilmente no carácter americano. Ele pertence à mó de baixo enquanto nós pertencemos à mó de cima. Estamos habituados a que os poetas sejam figuras heróicas, mas ele é uma figura anti-heróica, antipoética, ele até nega ser poeta. Pessoa tem um sentido cuidadosamente cultivado do desconcerto sobre a sua identidade, que faz parte da maneira de ser portuguesa».

Pessoa, o poeta dos heterónimos e do fingimento, contraria o instinto básico de todo o artista americano, para quem a celebridade é tão essencial como o ar. Assim, a divulgação de Pessoa nos Estados Unidos foi uma «**luta contra a maré**», como diz o professor Honig. Mas os esforços acabaram por dar frutos: Rosenthal, no «**New York Times**», coloca Pessoa

«Lisboa, cidade do desassossego, faz a sua entrada na literatura, depois da Praga de Kafka e da Dublin de Joyce»



entre «os gigantes do modernismo a cuja sombra nós vivemos e que dão uma extraordinária riqueza ao nosso século».

Pessoa, diz Honig, «começa a pegar», e não só entre os críticos. O professor, que prepara para breve a edição de um livro com estudos sobre Pessoa, afirma que recebe todas as semanas cartas de poetas entusiasmados e surpreendidos com a descoberta de Pessoa, um poeta de uma «língua menor». Entre os mais entusiasmados nas cartas a Honig encontra-se o célebre poeta americano Allen Ginsburg.

### Tradução difícil para inglês

Honig descobriu Pessoa em 1963, durante uma viagem a Lisboa. «Quase não havia noção de Pessoa na língua inglesa antes disso», disse Honig ao EXPRESSO. O que havia eram estudos dispersos e participação em antologias. Foi em 1971 que, simultaneamente com a primeira edição americana de Chicago, se publicaram na Grã-Bretanha as primeiras três antologias, por editoras associadas a três universidades — Cardiff, Edimburgo e Oxford. Esta última, traduzida pelo poeta Jonathan Griffin, viria três anos depois a servir de base para a primeira grande edição em língua inglesa, de Pessoa, na colecção de modernos poetas europeus da Penguin. Esta

antologia seria reeditada com um novo suplemento em 1982 e, em Setembro próximo, sairá uma terceira edição de mais 6 mil exemplares.

Paul Keegan, o editor da série, afirma-se «um grande entusiasta» de Pessoa. Ele tem planos para a elaboração de uma nova antologia, em que haja maior representação dos heterónimos, usando algumas das traduções feitas nos Estados Unidos onde, segundo diz, «a obra de Pessoa tem passado por um período de grande expansão nos últimos anos».

Este ano está prevista uma outra edição em Inglaterra, para assinalar o centenário de Pessoa. Será uma antologia inédita, publicada pela Carcanet Press, de Oxford, com o apoio da Fundação Gulbenkian, e a selecção dos textos foi feita por dois poetas portugueses residentes há muito em Londres. Eugénio Lisboa (Conselho cultural da Embaixada de Portugal) e Hélder Macedo (professor do Departamento de Estudos Portugueses do King's College). Ainda no âmbito das comemorações do centenário, realizam-se este mês várias leituras públicas, em Londres, de poemas de Pessoa, no South Bank, e a revista literária «Number» é-lhe inteiramente dedicada.

Embora o editor da Penguin, Paul Keegan, considere que o interesse crescente por Pessoa beneficia do facto de a sua obra ser facilmente

traduzível, o tradutor desta nova antologia reconhece ter deparado com «profundas dificuldades na tradução em Pessoa, particularmente nos poemas que se viram deliberadamente para zonas de obscuridade e para os quais é difícil encontrar equivalente na língua inglesa». Bosley, que afirma sentir-se «menos à vontade» com Álvaro de Campos, interroga-se mesmo se um só tradutor deverá traduzir todos os heterónimos.

As «máscaras» de Pessoa constituem um dos obstáculos à penetração do poeta em Inglaterra, embora Bosley faça notar que «poetas ingleses contemporâneos como T. S. Elliot e Ezra Pound, e indo mais atrás Robert Browning», a utilizavam. «A diferença é que, enquanto os ingleses mais tarde ou mais cedo abandonam a máscara, Pessoa nunca o faz.»

Um outro obstáculo, pelo menos em Inglaterra, é o desagrado do público inglês pela sofisticação literária e linguística. Os ingleses, um povo de lojistas — como lhes chamava o sonhador Napoleão — habituados aos raciocínios terra-a-terra, gostam de poetas do quotidiano, de situações palpáveis e imediatamente reconhecíveis, como Philipe Larkin e o laureado John Betjemen. A poesia reflexiva do empregado de comércio Fernando Pessoa pode deixá-los frios.

(Continua na pág. 34-R)



«Um sentido cuidadosamente cultivado do desconcerto sobre a sua identidade, que faz parte da maneira de ser português»

## Abrindo Caminhos...



# Manchester Dublin

Novos destinos na rota de expansão TAP Air Portugal. A partir de agora, é possível voar para Manchester e Dublin e até mesmo entre elas. Resultante de uma política de expansão e dinamismo da TAP Air Portugal e da recente liberalização do tráfego na Europa, abrem-se mais perspectivas, rumo ao grande centro industrial do Lancashire e à bela cidade milenária da Irlanda. Contando com a tradicional qualidade TAP Air Portugal, aprecie a eficiência de um serviço como só nós sabemos manter. Com Arte e com Saber.

Desde 2 de Junho, 2 vezes por semana.

	LISBOA	MANCHESTER	DUBLIN	
TP 464	P. 10,10	→ C. 12,45	P. 13,35	→ C. 14,15
TP 465	C. 19,30	← P. 16,50	C. 16,00	← P. 15,15

Consulte o seu agente de viagens.

NAVIGATOR  
CLASS  
top executive

Saber voar nas asas da História.

TAP AIR PORTUGAL

# Uma pátria com muitas línguas

A 30 DE NOVEMBRO de 1935, numa cama do Hospital de S. Luís dos Franceses, Fernando Pessoa escrevia, em inglês, as suas últimas palavras: «Não sei o que trará o amanhã» (I know not what tomorrow will bring). Já em Junho de 1914, confidenciava numa carta à mãe: «Que serei eu daqui a dez anos — de aqui a cinco anos mesmo? Os meus amigos dizem-me que eu serei um dos maiores poetas contemporâneos — dizem-nos vendo o que eu tenho já feito, não o que poderei fazer (se não eu não citava o que eles dizem...). Mas sei eu ao certo o que isso, mesmo que se realize, significa? Sei eu a que isso sabe? Talvez a glória saiba a morte e a inutilidade e o triunfo cheire a podridão.»

Depois, sobretudo muitos anos depois, é o que se sabe em torno dele e da sua obra: teses, colóquios, encontros, seminários, congressos, estátuas, homenagens, números monográficos de revistas, etc., etc. Dele, um sem-número de leitores, tradutores, admiradores, imitadores, e até abutres. E um sem-número de contagiados pela «febre» pessoana.

## Monges trapistas, zenbudistas e cistercienses

Em 1965, a Abadia de Nossa Senhora de Gethsemani divulgava, em inglês, doze poemas de «O guardador de rebanhos», traduzidos pelo bem conhecido monge trapista Thomas Merton, que assim se lhe referiu: «Fer-

nando Pessoa é uma figura curiosa e original dos princípios do século XX (...) Pessoa-Caieiro deve ser considerado entre os escritores ocidentais que têm afinidade com a visão Zen — 'a capacidade para um estado de consciência absoluta'. Curiosamente também, Pessoa concitou, na Holanda, o entusiasmo da seita de Bhagwan que, quicá pela sua faceta zenbudista, o tomou como «pai espiritual», fazendo da sua obra o seu «livro vermelho».

E a Abadia cisterciense de Royaumont, nas imediações de Paris — fundada em 1228 por S. Luís, rei de França — reuniu, em 1986, muitos admiradores seus, em torno do lema «Navegar é preciso, viver não é preciso...». Na ocasião, escreveu Robert Bréchon: «Ele nasceu sozinho em Lisboa, mas será aí que muitos vão morrer: Caieiro, Reis, Campos, Soares, Mora, Guedes, Baldaya, Search, Rimbaud, Nietzsche e Kafka seguiram o seu caminho; mas Pessoa seguiu três, quatro, dez, vinte caminhos (...) Van Gogh, Nietzsche, Kafka, Flaubert, Rimbaud... Pessoa é da

família... Pessoa faz eco de todos eles.»

## Por entre povos de língua castelhana

Em países de língua espanhola, conta com «devotos» tão conhecidos como o autor de Cem Anos de Solidão, Gabriel García Márquez, e o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz: «A primeira vez que ouvi falar de Pessoa foi em Paris, numa noite de Outono de 1958. Tinha jantado com uns amigos, numa casa do Marais; um dos presentes, Nora Mitrani, pediu-me a opinião sobre o 'caso Pessoa' (...) Vieira da Silva emprestou-me a Obra Poética (...) Nora Mitrani morreu há alguns meses; creio que a teria deixado contente saber que essa conversa de 1958 despertou uma paixão: Fernando Pessoa» (palavras de 1961).

Em Espanha, entre muitos outros, fazem parte dos seus incondicionais, Gerardo Diego, Gonzalo Torrente Ballester, Ángel Campos Pampano, Ildefonso Manuel Gil, Rafael Santos Torroella, J.L. García Martín e Pablo del

Barco. Há, contudo, que não esquecer José António Llardent, recentemente falecido, e Ángel Crespo, que colabora neste número do EXPRESSO com o artigo «Pessoa e eu». Até o grupo andaluz de Vicente Soto prestou, em 1986, a sua homenagem ao poeta português com o disco Pessoa flamenco, patrocinado pela Rádio Nacional de Espanha.

Por sua vez, no México, para além de Paz, têm-se dedicado à obra pessoana Gabriel Zaid e Francisco Cervantes, tendo este último traduzido, há pouco, a biografia de Pessoa por João Gaspar Simões; na Venezuela, temos Santia-

go Kovadloff e na Argentina, Rodolfo Alonso.

## Brasileiros escritores, actores e músicos

No Brasil... levaria tempo a anunciar todos os pessoanos, mas lá estão Manuel Bandeira («esse grande amigo de todos nós que é Fernando Pessoa»), Cecília Meireles («F. Pessoa é o caso mais extraordinário das letras portuguesas»), e Murilo Mendes: «Estamos diante de um dos maiores acontecimentos literários e artísticos deste século (...). Não conheço lucidez tão grande em nenhum outro poeta (...). Querido Fernando Pessoa: ao lado de Camões, de Antero, de António Nobre, de Villon, de Baudelaire, de Rimbaud, tu estás conosco... com os poetas encarrega-

dos de transmitir através dos séculos a vocação transcendente do homem». Carlos Drummond de Andrade disse, respondendo à já clássica pergunta sobre que poemas levaria para uma ilha deserta: «Não levava nenhum, não. Levava Baudelaire, Fernando Pessoa, Whitman, Verlaine». E o

mesmo Drummond: «Que levava (leva) no bolso / Fernando Reis de Campos Caieiro Pessoa: / irónico bilhete de identidade, / identity card / válido por cinco anos ou pela eternidade?»

Admiram-no também, na pessoa do actor Tony Ramos, os protagonistas da telenovela Baila comigo. Canta-o Raimundo Fagner, di-lo Paulo Autran. E esgota-se bem depressa o disco A música em Pessoa, com temas de António Carlos Jobim, Milton Nascimento, Dorival Caymmi e outros. Muitos lhe têm dado a sua atenção: Leyla Perrone-Moisés, Alexandrino Severino, Carlos Filipe Moisés, Catarina Edinger, Joaquim-Francisco Coelho, Cleonice Berardinelli, Massaud Moisés e João Alves das Neves. O IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, realizado em finais de Abril, em terras brasileiras, congregou mais de 800 participantes.

## «O genial português»

Pessoa soma, Pessoa segue: até a cantora Patti Smith declarou, por ele, o seu encanto.

Em França, Pierre Rissient fez o filme Cinq et la Peau, parcialmente inspirado em poemas de Pessoa, cuja obra é, para ele, «uma das mais incómodas dos últimos anos».

O poeta e crítico Alain Bosquet foi terminante: «Os maiores poetas do mundo? S. Francisco de Assis para o passado, Fernando Pessoa para os tempos modernos.» Há um lusófilo ao qual muito se deve a penetração de



Verlag, está mesmo a tornar-se um «Kultbuch», um livro de culto, uma bíblia efémera, como escreveu Peter Hamm do «Die Zeit». Sob o título de Das Buch der Unruhe, foi o «livro do mês» escolhido pela Academia de Língua Alemã e chegou a estar em número 2 na lista dos «best-sellers», apenas ultrapassado pela tradução alemã do Amante de Marguerite Duras.

O artigo de Peter Hamm — que realizou para a televisão alemã um extenso documentário sobre Pessoa a propósito da edição em alemão dos poemas de Álvaro de Campos — intitulava-se No labirinto do Eu e, em subtítulo, punha uma citação de

# Documento da identidade moderna

(Continuação da pág. 33-R)

«O uso mínimo de imagística nos poemas de Pessoa, o transporte do discurso poético para o abstracto, levantam dificuldades específicas para um público inglês», reconhece Hélder Macedo.

Esta opinião é partilhada por John Pilling, organizador de An Introduction to Fifty Modern European Poets, publicado pela anglo-australiana Pan Books, que, considerando Pessoa «o mais múltiplo de todos os poetas modernos», coloca reticências sobre a qualidade da sua poesia em inglês.

Em Janeiro de 1987 um pequeno teatro de Colónia organizou numa sexta-feira à

noite, às 23.30, uma leitura encenada de textos de Fernando Pessoa. Devido à hora insólita, os organizadores esperavam que comparecesse pouca gente, apenas umas dezenas de «habitues» de sessões literárias. Em vez

disso, o teatro encheu a abarrotar e a sessão teve de ser repetida. E não para os «habitues» literatos. A esmagadora maioria do público era constituída por jovens como Bettina Quabeck, uma jovem antropóloga de 28

anos, que afirmou ao EXPRESSO que gostava de Pessoa porque «ele reflecte a desorientação ou talvez antes a falta de orientação da sociedade alemã dos nossos dias».

Aquilo que o público an-

glo-saxónico menos pode apreciar em Pessoa, a sua doentia introspecção, é justamente a razão do súbito êxito do poeta na Alemanha. O Livro do Desassossego, publicado em 1985 pela editora de Zurique, Ammann

Pessoa no mundo — Pierre Hourcade —, que ainda o conheceu: «Nunca, depois de me despedir dele, me atrevi a olhar para trás; tinha medo de o ver desvanecer-se, dissolvido no ar.» E foi também Hourcade que, pela primeira vez, falou dele a Armand Guibert, que, por seu lado, o classificou de «o genial português». E passamos novamente a palavra a Pierre Hourcade: «Fernando Pessoa é o poeta-polvo (...). Julgava-o pequeno, melancólico e amorenado, preso ao funesto encanto da 'saudade' com que se intoxica toda a sua raça — e esbarro subitamente com o olhar mais vivo, um sorriso firme e malicioso, um rosto transbordando de vida secreta.» O próprio Hourcade presta a sua homenagem a Guibert: «Armand Guibert tem sido um incansável, um perfeito servidor da amizade e da admiração por Fernando Pessoa (...).

Armand Guibert, o mais tenaz, o mais fervoroso e eficaz paladino da causa de Pessoa perante a opinião internacional.»

Resta citar Rémy Hourcade, Hector Bianciotti, Robert Bréchon (um dos encarregados da edição da obra de Pessoa para a Christian Bourgois), e Georges Güntert.

Para a língua inglesa, temos Jonathan Griffin, Edwin Honig, F.E.G. Quintanilha e Peter Rickar. Em alemão, Georg Rudolf Lind, evidentemente. E, em Itália, Luigi Panarese, Luciana Stegagno Picchio, Giuseppe Tavani, sem esquecer, é claro, António Tabucchi. Muitos nomes — e im-



Com a família, em Durban: «Serei compreendido só em efígie»

portantes — ficaram por mencionar.

### Nas Caraíbas, na África

Mas Fernando Pessoa salta fronteiras atrás de fronteiras. O poeta Aimé Césaire disse um dia a Armand Guibert: «Sabia que na Martinica só se fala de Fernando Pessoa?» Noutro escritor, africano, Léopold Sédar Senghor, tem o poeta um admirador.

Muitas paixões, muitos fascínios.

Mas já é hora de darmos a palavra a Pessoa, que tem algo para contar, em o Livro do Desassossego: «Posso orgulhar-me, como de um filho, da fama que terei, porque, ao menos, tenho com que a ter. E quando penso isto, erguendo-me da mesa, é

com uma íntima majestade que a minha estatura invisível se ergue acima de Detroit, Michigan, e de toda a praça de Lisboa.»

E estouta passagem: «Penso às vezes, com um deleite triste, que se um dia, num futuro a que eu já não pertence, estas frases, que escrevo, durarem com louvor, eu terei em fim gente que me 'compreenda', os meus, a família verdadeira para nela nascer e ser amado. Mas, longe de nela eu ir nascer, terei já morrido há muito. Serei compreendido só em efígie, quando a afeição já não compense a quem morreu a só desafeição que houve, quando vivo.»

«Talvez compreendam que cumpri...»

«Um dia talvez compreendam que cumpri,

como nenhum outro, o meu dever-nato de intérprete de uma parte do nosso século; e quando o compreendam, não-de escrever que na minha época fui incompreendido, que infelizmente vivi entre desafeições e friezas, e que é pena que tal me acontecesse. E o que escrever isto será, na época em que o escrever, incompreendedor, como os que me cercam, do meu análogo daquele tempo futuro. Porque os homens só aprendem para uso dos seus bisavós, que já morreram. Só aos mortos sabemos ensinar as verdadeiras regras de viver.»

E rematemos com as palavras de Pessoa, em carta à mãe, citadas no início: «Talvez a glória saiba a morte e a inutilidade, e o triunfo cheira a podridão.»

Pessoa: «Deus não é uno — como poderia eu sê-lo?»

É esta personalidade estilizada que torna Pessoa fascinante para os alemães, justifica o Professor Reiner Hess, catedrático da Universidade de Freiburg, porque talvez seja esse o sentimento de fundo de muitos leitores. A «Unruhe», o «desassossego» geral, a inquietação, a sensação de caos e confusão que traduzem uma crise de identidade cultural é colectiva na Alemanha encontraram em Pessoa um intérprete de eleição. O «Rehinische Merkur», de Dusseldorf, chama a Pessoa «um documento da identidade moderna».

O professor Georg Rudolf Lind, a quem cabe o inegável mérito de ter sido o principal divulgador de Pessoa na Alemanha e na Áustria, traduzindo e editando o poeta desde 1962, justifica esta explosão de súbito interesse pelo facto de «o tempo já estar maduro para descobrir Pessoa. O tradicional pendor dos alemães para a reflexão sobre si e o mundo — reflexão se possível exaustiva — também pode explicar porque é que este poeta agrada tanto ao leitor actual».

### Um território extravagante

Contrariando algumas vozes, que já em 1985, durante as comemorações do

cinquentenário do seu falecimento, proclamavam a «morte de Pessoa», o interesse e a paixão pelo poeta parece não pararem de crescer. Das dezenas de edições em Itália às exploratórias traduções em japonês e chinês, Fernando Pessoa e a sua corte de heterónimos estão presentes nas principais línguas do globo. Como disse ao EXPRESSO a professora Cleonice Berardinelli, de 71 anos, a única brasileira a trabalhar na fabulosa «arca» dos tesouros pessoanos, o interesse da juventude pelo poeta é cada vez maior. «Essa angústia existencial que se revela na sua obra, essa insatisfação, tudo isso é muito semelhante ao que a juven-

tude está experimentando. Eu acho que eles, os jovens, se sentem em consonância com o poeta. Também há um outro aspecto, a heteronímia, o facto de Fernando Pessoa ser ele mesmo e mais este e aquele, desperta a curiosidade: Que poeta é este que não é só um mas quatro, cinco ou seis? É a vontade de entrar num território que é um pouco extravagante.»

com Isa Sales Freaza no Rio de Janeiro, Ana Navarro Pedro em Paris, Angel Luis de La Calle em Madrid, Tony Jenkins em Nova Iorque, Teresa Guerreiro em Londres, Carlos Martins em Bona e Teresa Monteiro em Lisboa

# Pessoa lá fora

EM diversos idiomas, traduzido ou objecto de ensaios em vários países do mundo, eis algumas das primeiras edições de ou sobre Fernando Pessoa:

## FRANCÊS

1930 — Pierre Hourcade escreve «Rencontre avec Fernando Pessoa», em *Contacts*, 3, Paris.

## ESPAÑHOL

1944 — Rafael Morales traduz, em *Garcilaso*, de Madrid, «Qualquer música...»

## ITALIANO

1945 — M. Gasparini traduz, em *Poesia*, de Milão, quatro poemas.

## INGLÊS

1955 — Edouard Roditi traduz em *Poetry* n.º 87, de Chicago, vários poemas.

## ALEMÃO

1956 — Paul Celán e Edouard Roditi publicam «Fernando Pessoa. Sieben Gedichte», em *Die Neue Rudschau* Francoforte.

## CHINÊS

1959 — Luís Gonzaga Gomes publica a *Mensagem*, numa edição reservada aos alunos do Liceu Nacional Infante D. Henrique.

## CHECO

1968 — Josef Hirsal e Paola Lidmilová publicam, em Praga, *Heteronyma*.

## GREGO

1969 — Germaine Mamalaki traduz dois poemas de Álvaro de Campos para *Poesia sem fronteiras*, Atenas.

## ESTÓNIO

1973 — Ain Kaalep apresenta a selecção de poemas «Autopsühhograafia», em *Periodika*, Tallin.

## SUECO

1973 — Arne Lundgren publica Fernando Pessoa. *Ett Diktårde*, Estocolmo.

## ROMENO

1973 — Roxana Eminescu publica «Originalitatea prin anonimata», em *Secolul 20. Revista de Literatura Universala*.

## NORUEGUÊS

1974 — Johann Fredrik Groggaard escreve «Pseudonym. Heteronym. Orthonym — enintroduksjon til Fernando Pessoa», em *Vinduet*, vol. 28, n.º 4, Oslo.

## FINLANDÊS

1974 — De Pentti Saaritsa, aparece, em Helsínquia, *Fernando Pessoa. Hetkien Vaellus*.

## RUSSO

1974 — Surge, em Moscovo, a antologia *Portugalsskaia Poeziia XX Veka*, organizada por E. Golubeva.

## POLACO

1975 — Mikolaj Bieszczadowski traduz poemas de F.P. na revista *Literatura na swiecie*, Varsóvia.

## BÚLGARO

1975 — Em *Savremennik*, de Sofia, Gueorgui Mitzkov traduz «Saudação a Walt Whitman».

## HOLANDÊS

1977 — August Willemsen escreve «Fernando Pessoa. De anarchistische bankier» em *Maatstaf* n.º 5/6, Amsterdão.

## JUGOSLAVO

1983 — Mirko Tomasovic traduz a «Ode Marítima» e «Passagem das Horas», acompanhados de um estudo sobre a poesia, a vida e a bibliografia de Pessoa.

## CATALÃO

1985 — Aparece, em Barcelona, *Poemes d'Álvaro de Campos*, em tradução de J. Sala-Sanahuja.

## JAPONÊS

1985 — A Editora Sairhusha publica a antologia de Pessoa *Portugaro Uni*, traduzida por Mineo Ikegami, com a colaboração de J. e M. Alvares.